

Pelo Mundo De Los Angeles

EDUARDO LEVY
segundocaderno@oglobo.com.br

'I have a dream'

Acabamos de comemorar o aniversário de 50 anos do discurso de Martin Luther King Jr., e propositalmente me aproprio do seu título para minha coluna. Não tenho a arrogância ou o direito de comentar o assunto. Tampouco quero diminuí-lo ao utilizar a famosa frase para falar de algo, em comparação, aparentemente banal. De qualquer forma, eu tenho um sonho.

Sonho que um dia o Brasil terá uma indústria cinematográfica verdadeiramente aberta e competitiva para produzir em todo o país. Sonho que, assim como diversos outros países e regiões mundo afora, o Brasil vai descobrir que, para cada dólar — ou real — investido na forma de incentivo fiscal, seis vezes mais dinheiro acaba entrando na economia local, uma fórmula fácil de entender como verdadeiramente benéfica para todos os envolvidos. No modelo com que sonho — real, realíssimo nesses lugares —, dinheiro de verdade, dinheiro de risco, existe, pois há aqueles que ainda apostam no cinema como produto vendável.

Sonho que não só brasileiros filmarão por aqui. Que os incentivos serão democraticamente divididos por todos aqueles que trouxeram valor ao nosso país. Que não serão somente os grandes blockbusters, que arrancam milhões de dólares de alguma agência local de cinema ou de fomento, sem dar nada, digo NADA, em troca. Bobos locais que acreditam estar fomentando o cinema local torrando o nosso dinheiro entre mercenários e vampiros não estão no meu sonho. Serão personagens de pesadelos dos outros, ou mesmo se transformarão em mitos urbanos. Bobos que aceitam gastar o nosso dinheiro em troca de uma foto, um jantar e o suposto direito de arrogantemente deixar dezenas de cineastas locais a ver navios, principalmente quando saem de reuniões andando sem rumo até chegar à Baía de Guanabara.

Sonho em ver os pôsteres de filmes nacionais limpos de tanto patrocínio. Porra, que luta ferrenha é essa em que são necessárias 20 instituições para fazer um filme chegar às salas de cinema. Petrobras, BNDES, Produtora A, Produtora B, Produtoras C, D e E, Distribuidora A, Distribuidora B, e por aí vai longe, muito longe.

Que o filme nacional chegue sem proteção de mercado porque é bom e pode dar lucro aos envolvidos e, principalmente — aí é uma oração até nos mercados externos —, aos produtores e investidores também. Cinema deve virar nas bilheterias e em um mercado sadio e transparente de *home video* que aqui no Brasil é mais bem tocado pela Globo Filmes, bem organizado pelos piratas nas ruas de Ipanema, enquanto todos os outros penam para descobrir como tirar proveito do seu negócio mesmo vivendo na idade do iTunes e do vídeo *on demand*.

Sei que estou sonhando, mas acordado eu vejo que os franceses entenderam, também os alemães, e os italianos chegam lá. Se não temos estúdios, que não comecemos agora. Este é meu sonho.

Que diversos polos de produção, isso sim, sejam criados Brasil adentro. E projetos como o de Paulínia resistam ao tempo e aos políticos. É uma pena. Me faz chorar toda noite antes de dormir até lembrar do trabalho realizado pela RioFilme. Que a empresa continue fazendo um belo trabalho e seu modelo seja copiado por outras prefeituras.

Que os sindicatos existam porque todo profissional tem seus direitos e merece ser recompensado pelo trabalho e pelo suor. Mas que esses trabalhem com os produtores e não contra eles. Fazer filme é difícil pra caramba. É preciso compreensão de todos os lados. Assim, todos ganham com uma nova produção. Este é o meu sonho.

Que finalmente se fale no exterior de um verdadeiro Cinema Brasileiro, não apenas de alguns cineastas que aproveitaram o sucesso de um filme e logo se mudaram para Hollywood (bom para eles, aliás. Nada contra. Não sou o único a ter sonhos, certo?). Porra, a Argentina, que é um país que conseguiu a façanha de atolar em um buraco socioeconômico enorme enquanto o mundo emergente inteiro crescia, goza de um respeito tremendo aqui fora, nos festivais de cinema, nas rodas de desenvolvimento. Por acaso somos menos criativos do que os argentinos? Agora toquei no brio de alguns, não foi?

E que meu sonho não seja só meu. E eu sei que meu sonho não é só meu. Mas é preciso se mexer, é preciso apostar, é preciso acreditar que tudo isso aí em cima é possível. Separemos os que não fazem nada dos que fazem tudo o que podem para ver um cinema brasileiro. E que o sonho vire realidade. ●

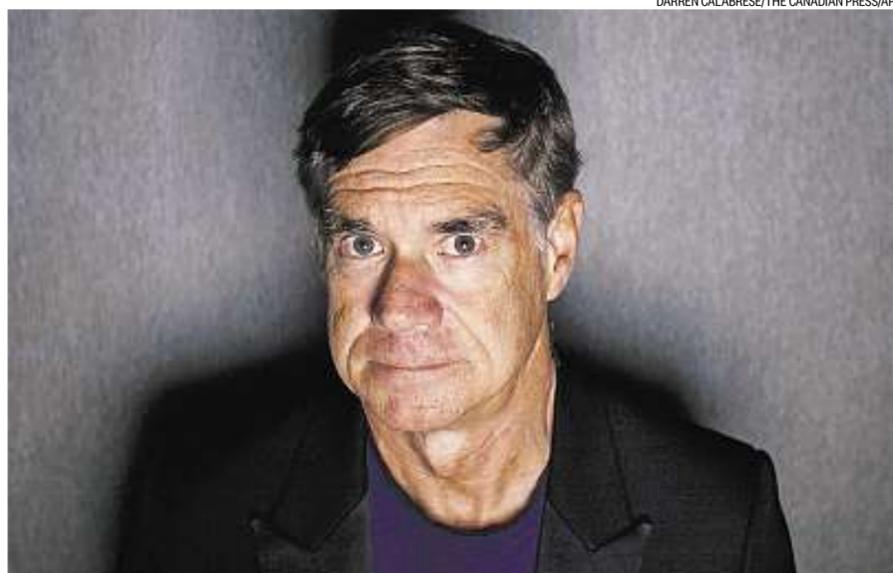
SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
DANIEL GALERA	Pelo mundo	FRANCISCO BOSCO	Pelo mundo	HERMANO VIANNA	JOSÉ MIGUEL WISNIK	CAETANO VELOSO
	ANA PAULA SOUSA LONDRES		EDUARDO GRAÇA NOVA YORK			
			EDUARDO LEVY LOS ANGELES			

ENTREVISTA Gus Van Sant

ENTRE FRAUDES CORPORATIVAS E POLÍTICAS DE EXPLORAÇÃO

Diretor de 'Gênio indomável' retoma parceria com Matt Damon em 'Terra prometida', que será exibido em mostra hoje no Rio

Dono de uma das filmografias mais consistentes do atual cinema independente americano, Gus Van Sant reafirma sua inclinação por temas de interesse social e político com "Terra prometida", atração do terceiro Filmambiente, Festival Internacional de Audiovisual Ambiental, hoje, às 19h, no Espaço Itaú de Cinema. Roteirizado pelos atores Matt Damon e John Krasinski (da série de TV "The Office"), a partir de um argumento do escritor Dave Eggers, o filme é centrado num funcionário de uma companhia de gás (Damon) que circula pelo interior tentando convencer fazendeiros a se associarem à empresa na exploração do solo. O problema é que o método de extração pode poluir nascentes e comprometer plantações, tema do documentário "GasLand" (2010), de Josh Fox, indicado ao Oscar. Com o filme, o diretor retoma a parceria com Damon, iniciada com "Gênio indomável" (1998), com o qual o ator ganhou o Oscar de roteiro.



Gus van Sant. Filme sobre funcionário de companhia de gás que tenta convencer fazendeiros a se associarem

CARLOS HELÍ DE ALMEIDA
carlos.heli@oglobo.com.br

● **Fracking, a técnica de extração mostrada no filme, é polêmica. Qual a sua posição sobre o tema? Acha que seu filme faz sentido dentro de uma mostra como a Filmambiente?**

Sim, ele se encaixa perfeitamente em um festival sobre questões ambientais... Quando o filme ficou pronto, esse processo de extração de gás natural estava no auge, e tem havido uma série de problemas resultantes dessa técnica de perfuração do solo. Mas acho que, embora o *fracking* seja o tema central, há outras observações sobre fraudes corporativas e políticas de exploração, e o que as companhias de gás querem que a população e seus próprios funcionários saibam sobre o processo, que é a minha parte favorita da história.

● **O senhor apoia ou já apoiou causas ambientais?**

Sou partidário das causas ambientais de todos os tipos, mas essa minha faceta é manifestada principalmente pelo voto, ou doações a entidades pró-meio ambiente, do que por ativismo político.

● **O senhor já assistiu a "GasLand"? Acha que seu filme complementa o documentário?**

Ainda não vi. Tinha planos de assistir a ele antes de começarmos a filmar "Terra prometida", mas as coisas se complicaram e começamos a nos envolver com a nossa versão. Muitas informações que recebemos sobre os problemas causados por esse tipo de extração vieram da área de Pittsburg em que estávamos filmando.

● **A produção sofreu boicote da indústria de gás natural, antes ou depois das filmagens?**

Houve declarações de parte da indústria de *fracking* e de alguns políticos, que criticaram a realização de um filme sobre esse tema. Mas acho que já esperávamos por críticas das companhias mineradoras, porque elas precisavam defender o negócio delas. Na verdade, nosso filme pega leve nos perigos desse tipo de extração de gás natural, mas é mais pesado em relação à

manipulação política e financeira do negócio o que, aparentemente, não parecia ser a principal queixa que recebemos.

● **Não é a primeira vez que o senhor dirige roteiros alheios. Como consegue torná-los filmes seus?**

Eles acabam virando um trabalho de colaboração, em algum momento do processo. A maioria dos filmes é resultado de colaborações, mesmo quando você é o autor do roteiro. Mas vira um filme seu, no sentido da direção.

● **Como o senhor descreveria a evolução de Matt Damon como roteirista?**

Além de "Gênio indomável", primeiro roteiro dele, trabalhamos juntos também em "Gerry" (2001). Matt sempre foi um roteirista muito analítico, e consegue ser realmente engraçado. Fiquei contente que ele encontrasse tempo para escrever uma história como a de "Terra prometida", porque acho que ele tem capacidade para escrever muito mais do que faz.

● **"Terra prometida" é um de seus filmes mais politizados. Como ele se encaixa entre outros títulos seus, como "Garotos de programa", "Elefante" e "Paranoid Park"?**

É um filme bem mais direto em relação a uma situação política que cresceu em tensão nos últimos anos do que meus filmes anteriores. E foi feito num estilo menos oblíquo do que "Elefante", mesmo que este mergulhe diretamente numa polêmica gigantesca (*o massacre de estudantes em escolas americanas*). Mas "Terra prometida" é parte político e parte comédia humana, como "Gênio indomável".

● **O senhor já transitou em Hollywood, com resultados às vezes satisfatórios, às vezes não. Sente falta da grande indústria?**

Não sei se você se refere a "Terra prometida" como um filme de Hollywood. Mas, até agora, tudo o que filmei, com dinheiro e estrutura de Hollywood ou não, é similar em esforço criativo. Então, hollywoodiano ou não, é um filme. ●

FEIRA CARIOCA, PROJETO INTERNACIONAL CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

A galeria Marian Goodman está no último armazém da ArtRio que, neste ano, optou por começar pelas galerias jovens, numa espécie de recompensa pelo fato de, no ano passado, elas terem ficado no final do percurso, com obras expostas à chuva e aos pássaros da Zona Portuária. Assim, à esquerda da entrada, o público logo verá as galerias novas, com até seis anos de existência. Do lado direito, estão os estandes de arte moderna. É só mais adiante, no terceiro e no quarto armazéns, que estão as grandes casas internacionais e o primeiro time das brasileiras de arte contemporânea.

No terceiro, por exemplo, a gigante Gagosian é separada apenas por uma parede da londrina White Cube — soa irônico que nela, aliás, esteja uma tela de Damien Hirst, artista que recentemente debandou



Internacional. Espaço da galeria David Zwirner, baseada em NY e Londres

da vizinha Gagosian. É lá também que estão potências nacionais, como as paulistanas Fontes Vilaça e Luisa Strina.

No quarto e último armazém, a Pace, também estreante no evento, dedica boa parte de seus 120m² a obras de Alexan-

der Calder. Embora as próprias galerias evitem falar de números, comenta-se que é dele a obra mais cara da feira (algo em torno de R\$ 20 milhões). Próxima dali, a galerista Juliana Cintra, da carioca Silvia Cintra + Box 4, contava que vinha rece-

bendo e-mails de colecionadores a caminho da feira, mas sem conseguir pousar na cidade (o Aeroporto Santos Dumont ficou fechado durante boa parte da manhã de ontem).

— Eles ligam tensos, mandam e-mails, pedem para reservar obras e até compram antes. Já temos uma longa relação com alguns deles — afirmou Juliana. — Estamos aqui no último armazém e, para nós, a feira começa mais tarde, depois que as pessoas cruzarem tudo.

Sua vizinha de pavilhão, a galerista Eliana Finkelstein, da paulistana Vermelho, dizia estar contente com a distribuição de galerias nos armazéns:

— O que estava desproporcional no ano passado era aquele espaço da Gagosian (*a galeria tinha uma área para expor esculturas, além do espaço de seu estande*). Para a feira, é interessante dividir. ●